

## PANORAMA DA VITIVINICULTURA BRASILEIRA

**Mauro Celso Zanús**

Pesquisador, Embrapa Uva e Vinho, Chefe-Geral, E-mail: [mauro.zanus@embrapa.br](mailto:mauro.zanus@embrapa.br)

A vitivinicultura brasileira possui enorme importância social e econômica pelo elevado impacto na geração de emprego e renda, tanto nos segmentos de uvas de mesa (que representam mais da metade da área cultivada com uvas no Brasil) quanto nas uvas para processamento, destinada à elaboração de vinhos finos (elaborados com *Vitis vinifera*), vinhos de mesa (elaborados com cultivares de *Vitis labrusca* e híbridos), espumantes (elaborados exclusivamente com *Vitis vinifera*), suco de uva (elaborados com *Vitis labrusca* e híbridos), além de destilados e vinagres. Em adição, a cadeia produtiva de uvas de mesa, concentrada especialmente no nordeste brasileiro, baseia-se em cultivares de *Vitis vinifera* e híbridos. Portanto, pode-se afirmar que a cadeia vitivinícola brasileira se caracteriza por ser um mosaico composto de diversos segmentos, cada qual com suas peculiaridades, regiões de maior expressão e, sobretudo, graus diferenciados de competitividade. Além disso, uma das características mais marcantes dos diferentes segmentos da vitivinicultura é a coexistência de regiões com diferenças climáticas (que vão desde regiões temperadas de altitude até polos de produção em clima tropical), bem como a existência de polos tradicionais de cultivo (como é o caso da Serra Gaúcha) com novos polos que surgem a cada momento, desde as regiões sul até o nordeste, sudeste e centro-oeste do país.

Portanto, falar-se sobre um panorama da vitivinicultura brasileira é uma tarefa bastante desafiadora, sobretudo porque há uma dinâmica de competitividade que alterna momentos de forte impulso ao crescimento (como o que ocorre, atualmente, com a produção de suco de uva e espumantes) com fases de restrição à expansão, especialmente devido à forte competição de produtos de outros países produtores (como é o caso dos vinhos finos), além de fases de crescimento sustentado devido à afirmação da qualidade e percepção da mesma pelo consumidor (como observado no caso dos espumantes e nos vinhos oriundos de indicações de procedência). Além do caráter dinâmico, há que se considerar que a vitivinicultura brasileira, embora tenha se estruturado em nível comercial no final do século XIX, observou um período, até o início da década de 1990, de forte restrição à importação de vinhos, abrindo-se aos diferentes países produtores a partir desta data. A abertura econômica às importações criou um novo momento para a cadeia produtiva, repercutindo em forte qualificação em viticultura e nos processos e instalações de elaboração, formação dos técnicos e investimentos em pesquisa e inovação, criando, portanto, nas últimas duas décadas uma condição muito mais favorável à competitividade das empresas produtoras.

Os segmentos de uvas para processamento vêm gradativamente se qualificando, tanto em qualidade e reconhecimento dos produtos no mercado interno e externo, quanto no surgimento de empreendimentos de caráter empresarial, mesmo nos polos tradicionais. O potencial da atividade como alternativa de diversificação da produção e geração de emprego e renda tem atraído investimentos privados consideráveis, tanto em regiões tradicionais como novas. Coexistindo com grandes empresas, ainda prevalece uma forte identidade com a agricultura familiar, de modo que a atividade constitui-se em fator chave para a economia de diversos municípios, em pelo menos 12 estados brasileiros (cerca de 30.000 famílias de pequenos

produtores rurais dependem principalmente da produção vitícola), aportando benefícios notáveis nos índices de qualidade de vida, geração de emprego, renda e fixação do produtor na atividade primária. Já a viticultura para mesa está predominantemente alicerçada em um caráter empresarial exportador, fato observado especialmente na região do Vale do Submédio São Francisco (Pernambuco e Bahia).

Por tratar-se de uma cadeia produtiva complexa, esta deve ser analisada por segmentos (suco de uva, vinhos de mesa, vinhos finos e espumantes), considerando as particularidades ambientais, econômicas, sociais e de organização em cada polo de produção.

Atualmente, o segmento de suco de uva (concentrado e natural/integral) é um dos maiores destaques, especialmente derivado a partir do forte apelo do produto para a saúde e qualidade de vida do consumidor. Anualmente, nota-se um grande incremento da produção e consumo brasileiros, estimulando não somente o fortalecimento e qualificação das plantas industriais em regiões tradicionais, que concentram a maior parte das uvas americanas e híbridas que são as mais adequadas para este fim, mas também o surgimento de novos polos de produção, como é o caso das regiões nordeste (Vale do São Francisco) e centro-oeste (Mato Grosso e Goiás).

O segmento dos espumantes também tem tido um crescimento importante e, embora seja abastecido parcialmente com produtos importados, tem na produção nacional o seu maior supridor, especialmente em regiões mais propícias ao cultivo de uvas viníferas e à obtenção de vinhos-base com adequada acidez, como é o caso da Serra Gaúcha e Serra do Sudeste.

Já o segmento de vinhos finos tem tido um avanço proporcionalmente menor, especialmente em regiões mais tradicionais, devido à competição com vinhos importados. Um espaço importante de crescimento da produção destes vinhos é encontrado em novas regiões produtoras (Campanha, no RS, regiões de altitude, em SC e RS e regiões tropicais, em PE e BA), além de um forte estímulo a partir da criação das indicações geográficas (indicação de procedência e denominação de origem), que verticalizam os investimentos e as diretrizes orientadoras de investimento, qualificando a produção e fortalecendo a identidade regional, tendo como resultante um maior reconhecimento pelo consumidor e um forte apelo enoturístico.

O segmento tradicional de vinhos de mesa ainda encontra amplo espaço junto a consumidores de média e baixa renda e permite a obtenção de vinhos com caráter aromático e outras propriedades organolépticas de grande apreço por esta faixa de clientes. Contudo, observa-se que há uma gradual redução da elaboração de vinhos de mesa (devido à qualificação do consumidor e sua migração para vinhos importados de baixo preço), fazendo com que a matéria-prima passe a ser direcionada para o segmento de suco de uva. O engarramento dos vinhos de mesa na região produtora de uvas tem sido recentemente uma oportunidade de qualificação deste segmento.

Por fim, a cadeia produtiva de uvas de mesa apresenta-se bem caracterizada em dois grupos, ambos em regiões tropicais ou subtropicais. No primeiro grupo, estão inseridos os empreendimentos de caráter empresarial, focados na produção de uvas finas, muitas delas de cultivares sem sementes. Neste grupo, ainda fortemente exportador, nota-se um crescimento importante do mercado interno, ocupando uma

parte relevante da produção para abastecimento local. Num segundo grupo, inserem-se empreendimentos de agricultores familiares das regiões sudeste e sul (embora também sejam encontrados tais produtores na região nordeste), com presença de uvas finas e rústicas, nas quais têm crescido o número e a qualificação dos produtores, de modo a ofertar uvas com padrão mais competitivo no mercado.

No âmbito tecnológico, embora existam especificidades de cada segmento e polo de produção, muitas questões/soluções possuem caráter transversal, podendo atender a mais de um segmento da cadeia. Para uma cadeia particularmente demandadora por tecnologias de ponta, como é a vitivinicultura brasileira, os desafios da pesquisa são de grande importância. Em uma análise conjunta de todos os segmentos da uva de processamento, salienta-se que esses desafios se classificam de acordo com a região de cultivo e as exigências de cada segmento ou grupo de segmento. No conjunto desses fatores (regiões e segmentos), há uma série de gargalos que podem restringir de modo direto ou indireto uma produção de qualidade reconhecida e estável de suco de uva, vinho de mesa e vinho fino, o que se constitui como o grande foco de atuação deste Arranjo. Dada a complexidade dos temas, a urgência das soluções, o vasto território envolvido e a necessidade de conjugar esforços de todas as instituições de C&T envolvidas com a temática, conclui-se que a sistematização de esforços de PD&I e de TT, em conjunto com os produtores e empresários, é essencial para responder aos desafios que se apresentam e garantir a sustentabilidade da produção, em um cenário de globalização dos mercados.